

Futebol e voleibol: que “jogos” são esses?¹

Farei aqui um breve comentário sobre o relato de um trabalho pedagógico em Educação Física fundamentado pelos Estudos Culturais, realizado pela Professora Marília. Pautar-se nesse campo teórico, significa compreender a cultura como elemento central no campo das relações sociais (HALL, 1997). Isto é, a cultura é o espaço de negociação de sentidos e significados sobre a realidade pelos diversos grupos sociais presentes na contemporaneidade. A partir desse entendimento, não existe espaço para a cultura, no singular, e sim para as culturas, no plural. Reiteramos que toda produção cultural não é consensual tampouco neutra, logo, apresenta-se entrelaçada pelas relações de poder.

É nesse intrincado campo de lutas por significados que nossas identidades são formadas. Aos professores, produtores do currículo e da cultura escolar, cabe uma tarefa importantíssima que é ajudar os alunos a interpretar a realidade que nos cerca, considerando os diversos discursos que estão em disputa para se apresentar como verdadeiros, buscando formar determinadas identidades.

A partir da leitura do relato, perceba que a professora está comprometida, de fato, em oferecer práticas pedagógicas

1 Trabalho desenvolvido pela Profa. Marília Menezes Nascimento Souza no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe e comentado pelo Prof. Bruno Gonçalves Lippi.

contra-hegemônicas, isto é, questionadoras das identidades sociais valorizadas no contexto contemporâneo. Para tanto, lançou um grande desafio: reinterpretar esportes coletivos valorizados pela cultura dominante e pela tradição das práticas corporais praticadas em Educação Física. O desafio é colocado quando a professora opta por trabalhar com manifestações corporais de origens europeia (futebol) e norte-americana (voleibol), isto é, esportes em que um trabalho pedagógico pautado pela qualificação das habilidades técnicas dos alunos é tradicionalmente valorizado pela comunidade escolar (gestores, professores, pais e alunos).

Ao iniciar o projeto, a professora fez uso do recurso de mapeamento da realidade. Este é um instrumento importante para observar quais são as representações acerca das práticas corporais que os alunos construíram. Num primeiro momento, observou que os alunos gostavam de praticar futebol e voleibol, logo, compreendeu que haveria a necessidade de analisar essas manifestações da cultura corporal. Observe que a professora organiza a ação de mapeamento com objetivo de entender como os alunos interpretam o futebol e o voleibol, isto é, observar quais são os significados que eles atribuem a estes esportes. Para tanto, a professora solicitou que os alunos praticassem os esportes na aula da forma como faziam em espaço não escolar. Partir do contexto social em que a manifestação corporal ocorre é fundamental para que possamos perceber as relações de poder que se estabelecem na realização das práticas corporais. Desta forma, a professora verificou como os alunos entendiam as regras, quais valores eles atribuíam a certos comportamentos e como se relacionavam. Lançou mão de registros de impressões e de falas dos alunos. Nei-

ra e Nunes (2006) defendem que as ações de mapeamento são fundamentais para a seleção de temáticas curriculares pelo professor e, conseqüentemente, para organização do trabalho pedagógico.

Nesse primeiro mapeamento, a professora verificou que os alunos adotavam como critério de referência para a participação nos jogos esportivos, a habilidade técnica. Ser habilidoso era condição para poder jogar. Aliadas a este critério de participação, ela constatou que os alunos estavam influenciados por preconceituosas representações de gênero sobre o futebol e o voleibol. Os alunos demarcavam o futebol como um território exclusivamente masculino e o voleibol exclusivamente feminino. A partir desses pressupostos, os alunos consideravam “natural” que os meninos deveriam jogar futebol melhor que as meninas e que estas deveriam jogar voleibol melhor que eles. Ainda, foi possível constatar, a partir da observação, que os alunos que não se enquadravam na identidade hegemônica eram “zombados” por meio de brincadeiras e xingamentos ligados à homofobia: “masculinizando” as meninas do futebol e “feminilizando” os meninos do voleibol. Na perspectiva dos Estudos Culturais, aqueles que fogem da identidade e apresentam-se como diferença, tendem a ser estereotipados. O estereótipo é uma das formas de enfraquecer os argumentos e os significados advindos das culturas e dos grupos sociais subjugados.

Atenta às questões de preconceito e discriminação presentes nas manifestações corporais, a Professora Marília buscou organizar o trabalho pedagógico com o objetivo de desconstruir as representações hegemônicas de meritocracia (quem joga bem tem direito a jogar) e de heterossexualidade (a delimitação de territórios

masculinos e femininos no esporte e a homossexualidade marcada como característica pejorativa) que influenciavam os alunos da escola na qual trabalha. Ressaltamos que os Estudos Culturais buscam criar condições para que grupos sociais subjugados tenham representação no currículo escolar, ou seja, lutam para que a diferença seja representada.

Para ressignificar a prática do futebol e do voleibol na escola, a Professora Marília levantou um debate sobre quais seriam as habilidades específicas necessárias para praticar cada modalidade esportiva. Em seguida, em parceria com os alunos, partiu para a identificação e análise dos alunos habilitados no futebol, no voleibol e em ambos com o intuito de buscar elementos para a desnaturalização das práticas masculinas e femininas. Com base nas análises empreendidas coletivamente, constatou-se que a qualidade da prática estava diretamente relacionada ao tempo de treinamento e, conseqüentemente, as oportunidades de se praticar.

Tomando como referência a democratização do acesso às práticas de futebol e voleibol, a educadora engajou os alunos num compromisso conjunto em que os habilitados contribuíssem para que os menos habilitados participassem dos jogos. Em consonância com a proposta de ressignificar as práticas esportivas, planejou situações diversificadas na composição das equipes misturando meninos e meninas, colocando-os em oposição e jogando em grupos separados. Estas formas de vivenciar os esportes permitiram que os alunos realizassem diferentes análises do contexto esportivo, abrindo espaço para a desconstrução de ideias anteriores. Agindo dessa forma, a Professora Marília ofereceu

possibilidades para deflagrar as relações desiguais de poder (o acesso diferenciado às práticas corporais vinculadas ao gênero) e, ao mesmo tempo, buscou engajar os alunos numa ação colaborativa (os alunos praticarem as duas modalidades esportivas sem serem alvos de preconceito em razão do gênero ou do nível de habilidade técnica). Cabe destacar que estes são princípios importantes para aqueles que defendem a construção de uma sociedade democrática, solidária e justa.

Além das atividades de ensino que questionaram a diferenciação entre habilidosos e não-habilidosos e entre meninos e meninas, a Professora Marília também se preocupou em realizar um trabalho pedagógico que pudesse situar o futebol e o voleibol no contexto social contemporâneo de globalização econômica e cultural, o qual transforma os produtos culturais em mercadorias. Isto fica visível quando ela organizou uma atividade de ensino que permitiu aos alunos apresentarem seus conhecimentos sobre uma das duas modalidades esportivas. Numa pedagogia fundamentada nos Estudos Culturais é importante situar como as práticas culturais estão presas na rede de significados sociais. Partindo desse pressuposto, é importante analisar o que é evidenciado e o que é silenciado. Entre os conhecimentos que os alunos enunciaram, a Professora Marília observou alguns silenciamentos: o futebol e o voleibol sergipano e a presença das mulheres no futebol.

A partir dos silenciamentos constatados, a Professora Marília planejou atividades de ensino para que os alunos pudessem compreender quais são as relações de poder que escamoteiam a cultura esportiva sergipana e a identidade feminina no futebol. Entre as ações destacam-se as visitas ao principal estádio de fute-

bol e ao ginásio onde se pratica o voleibol de Sergipe. Também foi realizada uma entrevista com um representante do futebol sergipano, o qual possui uma relação íntima com a construção histórica do esporte no Estado. As ações empreendidas buscaram entender como os fenômenos histórico-sociais e as relações de poder constituíram o contexto atual de valorização dos clubes esportivos das grandes metrópoles e dos meninos como praticantes “naturais” do futebol, o qual impede o desenvolvimento do esporte profissional sergipano e dificulta a participação da mulher na prática do futebol.

Segundo a docente, os alunos, a partir de suas observações, compreenderam os motivos que levam ao apagamento do esporte sergipano e à negação da participação de mulheres no futebol. Isto reforça que a Educação Física, organizada a partir de princípios dos Estudos Culturais, pode contribuir para a desnaturalização dos fatos sociais, isto é, entendê-los como produtos de uma luta simbólica árdua entre grupos sociais que tentam validar os seus significados. A partir dessa compreensão, podemos nos entender como sujeitos da história e atuarmos como agentes de transformação da sociedade.

Além de promover as análises acima descritas, as quais certamente modificaram a forma de pensar dos alunos, a Professora Marília estimulou os alunos a produzirem blogs para tornar públicos os conhecimentos produzidos pelos alunos. Esta ação valoriza os alunos como produtores culturais e, ao mesmo tempo, proporciona que estas ideias contestadoras da realidade social sejam socializadas pela rede mundial de computadores. Os títulos dos blogs criados pelos alunos já demarcam que o futebol e o volei-

bol não serão debatidos sob a égide da execução de técnicas e habilidades esportivas, como tradicionalmente são abordados esses esportes coletivos na escola, ao contrário, sugerem que devemos ter um olhar atento para outras questões que envolvem estas práticas sociais.

Ao longo do relato, percebemos que o processo avaliativo não deve ter o caráter de atribuição de notas ou conceitos ao final de um projeto ou semestre, mas deve assumir uma postura que valorize a análise do percurso empreendido nas situações didáticas e a mudança das representações sociais dos alunos acerca das manifestações da cultura corporal. Observe que a Professora Marília realizou registros das práticas, das falas e dos acontecimentos o tempo todo e que estes dados foram imprescindíveis para a orientação ou reorientação do trabalho pedagógico.

Após este breve comentário, convido à a leitura do relato de prática pedagógica da Professora Marília, a qual se empenhou para garantir situações de aprendizagem a seus alunos com a intenção de construir uma sociedade que valoriza os conhecimentos produzidos pelos diversos grupos sociais sem estabelecer hierarquias e diferenciações.

Desenvolvimento

Esta experiência pedagógica em Educação Física foi realizada em duas turmas do 7º ano do Ensino Fundamental no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, localizado no município de São Cristóvão (SE). A experiência aconteceu no

segundo semestre de 2009, particularmente entre os meses de agosto e outubro, quando desenvolvia minhas atividades como professora substituta na referida unidade de ensino.

Nessa escola, os/as estudantes ingressavam, até o ano de 2009, via processo seletivo de provas, no 6º ano do Ensino Fundamental. Dessa maneira, a escola reunia jovens provenientes de diferentes bairros, diferentes escolas, enfim, diferentes realidades sócio-culturais e econômicas e com diferentes representações acerca da disciplina Educação Física. Apesar da escola se localizar nessa cidade, os estudantes residiam, em sua maioria, na capital Aracaju. Como eram selecionados por mérito acadêmico, tínhamos naquele contexto predominantemente jovens familiarizados com a cultura tradicionalmente valorizada no espaço escolar, conteúdos que transitavam no âmbito da ciência positivista demarcando uma cultura erudita, intelectualista e carregada das perspectivas e compreensões comuns a um grupo socialmente dominante, o que se articulava para a manutenção de um status quo a partir da adequação de si e dos seus “iguais” e da submissão dos “outros” às normas hegemônicas.

A mesma lógica era vivenciada na Educação Física. Ao ingressarem no 6º ano, traziam representações de que o conteúdo dessa disciplina eram os esportes, que deveriam ser tratados a partir de uma perspectiva técnica, de modo que eles pudessem desenvolver as habilidades motoras específicas e os fundamentos técnicos necessários para jogar em momentos de lazer, participar de competições e até se divertirem e relaxarem do excessivo trabalho das outras disciplinas no momento da aula de Educação Física. Outra representação do componente curricular era a de “um

momento livre” na rotina escolar, em que eles poderiam ter acesso a diferentes materiais e utilizá-los conforme sua vontade para relaxar e se divertir, ou simplesmente ficarem sentados em rodas de bate-papo, uma espécie de recreio, uma vez que tinham uma rotina de quatro horas e meia de aula, comumente realizada dentro das salas onde permaneciam geralmente sentados e na condição de ouvintes com apenas quinze minutos de intervalo.

Ao conhecer essa turma, no segundo semestre de 2008 (quando ingressei na escola), percebi essas tendências, e apoiada nos princípios e fins da Educação apontados pela Lei de Diretrizes e Bases - “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas; respeito à liberdade e apreço à tolerância; valorização da experiência extra-escolar; vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais” (BRASIL, 1996) - e nas reflexões acerca das necessidades educacionais na contemporaneidade, busquei empreender uma prática que primasse pela perspectiva cultural do componente.

Fundamentada nas reflexões e proposições de Neira e Nunes (2006), busquei desde o primeiro contato mapear a cultura corporal dos sujeitos e compreender suas representações e as possíveis assimetrias inerentes às práticas sociais e discursos que expressavam. Assim, nas nossas aulas de Educação Física, os conhecimentos da cultura corporal foram tratados em sua relação com as questões culturais mais amplas, considerando a inevitabilidade do caráter discursivo a elas imanente. A dimensão cultural da qual essas práticas são constituintes ou constituídas carrega relações de poder, que frequentemente estão orientadas para a

manutenção da cultura, compreensões, atitudes e/ou comportamentos hegemônicos (HALL, 1997).

Nesse sentido, ao abordar as práticas corporais como manifestações culturais envolvidas em contextos sócio-históricos que condicionam essas manifestações, bem como suas representações para os diferentes grupos e sujeitos, dialogamos com a fundamentação dos Estudos Culturais. Nessa perspectiva, a cultura ganha importância e não pode ser estudada como uma variável, secundária ou independente em relação ao que move as relações sociais de um modo geral. Para Hall (1997), a cultura precisa ser vista como algo fundamental, constitutivo, que determina a forma, o caráter e a vida interior desses movimentos. Tal fato motivou as nossas práticas no sentido de investigar as diferentes manifestações da cultura corporal segundo seus possíveis efeitos subjetivos.

Compreendendo que no contato com a cultura, com as manifestações da cultura corporal, muitas vezes somos tensionados, ou constituímos-nos como sujeitos adaptados a lógicas e comportamentos hegemônicos, a condutas de preconceitos e exclusão daqueles que não se enquadram, procurei empreender uma prática pedagógica comprometida com a construção ou reelaboração de representações pautadas na reflexão crítica acerca da diversidade cultural que compõe os sujeitos e a cultura corporal, com a ampliação do repertório cultural e da capacidade de compreender essas manifestações.

Assim, em contato com as referidas turmas de alunos, constatei que os esportes voleibol e futebol marcavam a identidade daquele grupo a partir da incorporação ou não dos códigos corporais específicos desses esportes. O voleibol era tido como um

esporte feminino, desse modo, as meninas deveriam saber jogá-lo, aquelas que não sabiam, eram excluídas em momentos de lazer e mesmo dos grupos de amizade que ali se formavam. Os meninos que jogavam voleibol tinham sua sexualidade questionada pelos demais, insinuava-se a homossexualidade e também eram excluídos do grupo dos “machos” - os jogadores de futebol. Estes últimos, sempre muito autoconfiantes em relação ao domínio da técnica e à virilidade masculina, não permitiam a inclusão de “iniciantes”, que ainda não dominassem a técnica, não só nos jogos, mas também nos grupos de amizade, excluindo assim, a maioria das meninas e alguns dos meninos que declaradamente manifestavam sua afinidade com o voleibol.

Alguns estudantes, afinados com o futebol e o voleibol, sempre me solicitavam o trabalho com estas práticas nas aulas de Educação Física. Entretanto, ficava claro que o que queriam mesmo era aperfeiçoar a técnica e se divertir jogando. Para atender aos objetivos do projeto, optei por trabalhar diferentes temáticas antes de chegar aos esportes. Possibilitei aos estudantes conhecerem outras manifestações da cultura corporal de modo a ampliarem o senso crítico diante das práticas por eles já incorporadas, bem como compreender que essa incorporação se dá no âmbito da cultura e carrega diferentes significados e relações de poder, que comumente contribuem para a submissão, exclusão ou até exploração de grupos minoritários, produzindo uma sociedade repleta de desigualdades, intolerância, desrespeito e violência.

O que pude notar, no processo de ensino e aprendizagem, foram os/as estudantes mais propensos à discussão, à ampliação dos conteúdos através de atividades de pesquisa e à realização

de tarefas e práticas, a priori, incomuns quando se aborda os esportes nas aulas de Educação Física escolar. Observei também, por parte de muitos, maior engajamento político diante das discussões que iam surgindo. Além disso, a mim parecia que os alunos já compreendiam que todas essas atividades faziam parte do trabalho pedagógico e, por mais que desejassem praticar os esportes, não rejeitavam as demais atividades, inclusive participavam ativamente na elaboração, realização e reestruturação.

Assim, após um ano atuando profissionalmente com a turma, decidi tematizar o voleibol e futebol nas aulas. Estudamos os dois esportes paralelamente para viabilizar o diálogo e o embate das representações inicialmente explicitadas, considerando também o contexto cultural corporal do Estado de Sergipe, o município de Aracaju.

Elegi como temática de trabalho “Futebol e voleibol: que “jogos” são esses?” e ratifiquei o objetivo do projeto: tratar essas duas manifestações da cultura corporal buscando ampliar o olhar dos/das estudantes para além da sua prática enquanto esporte e compreender os diferentes “jogos” (de poder, em relação a gênero, classe e diferenças culturais) que subjazem a essas práticas e influenciam identidades e comportamentos.

Apresentei a temática fazendo o convite para realizarmos alguns jogos de futebol e voleibol, de modo que pudéssemos ver como seria a participação naqueles jogos. Solicitei que os alunos se organizassem em grupos, deixando-os à vontade para se manifestarem durante as práticas. Propositalmente, não interfeiri em praticamente nada, mas anotei os comportamentos expressos.

Tanto no futebol quanto no voleibol, havia um grupo que se

autoexcluía dizendo que não sabia jogar. Outros, mais envolvidos com a turma, por disporem de habilidades num ou noutro esporte, entravam nos jogos em que não dominavam as habilidades específicas e recebiam gritos e xingamentos. Houve outro grupo, aparentemente com habilidades para o futebol, que justificava sua não participação no jogo de voleibol dizendo: “não gosto”, “jogo de mulherzinha”, “eu participo na hora do futebol”.

Todas essas questões foram tratadas ao final da aula. Estimulei-os a pensar nas suas posturas, questionando-os se estavam sendo preconceituosos, se estavam discriminando alguns colegas em virtude da sua aproximação com uma determinada prática corporal que não era igual à sua e/ou por questões de gênero e sexualidade – inclusive criando estereótipos –, se estava correta a postura de excluir pessoas por elas não dominarem uma técnica ou um código corporal que era necessário para dialogar na prática do futebol e voleibol, se já pensaram porque algumas pessoas se autoexcluía das práticas e ainda, se já se permitiram jogar outro esporte, no caso o voleibol, para os que se autodenominavam futebolistas.

Naquele momento, a intenção não foi obter respostas politicamente corretas ou justificativas relativamente plausíveis para tais comportamentos, mas substancialmente suscitar a reflexão. Alguns alunos consideraram os comportamentos negativos e outros começaram a dar exemplos dos maus tratos que receberam. A partir dessa conversa, expliquei que o desenvolvimento de habilidades específicas e o domínio dos fundamentos técnicos dos esportes se dava pela prática, pelo treinamento e que aqueles que praticavam com frequência se desenvolviam mais rápido, tinham mais facilidade e, conseqüentemente, mais possibilidades de

participação e inserção em grupos de prática.

Possuir uma habilidade técnica específica, não significaria ser um indivíduo essencialmente superior, mas um indivíduo que teve condições de desenvolver tais habilidades e que, desse modo, alguns poderiam ter mais habilidade com um dos esportes, outros com os dois, outros com nenhum, a depender do contexto em que cresceram e das oportunidades de acesso que tiveram. Inclusive, o fato de predominantemente, as meninas não terem o domínio das habilidades do futebol indicava relações com uma cultura machista, que ainda hoje considera o futebol uma prática masculina, não permitindo às mulheres sua prática desde a infância. Àquelas que venciam as barreiras da proibição cultural, restava o ônus de conviver com situações de preconceito e discriminação ao serem padronizadas pelo estereótipo de que eram masculinizadas, lésbicas, “mariais-homens”².

Os alunos me ouviam atentamente e não manifestavam questionamentos ou discordâncias. Apenas acolhiam uma reflexão aparentemente nova para eles. Aproveitei a situação e sugeri que fizéssemos algumas atividades para identificar o nível de apropriação das habilidades e fundamentos técnicos que permitiam a um indivíduo participar daquelas manifestações esportivas e verificássemos o que nos faltava para podermos organizar momentos e atividades de aprendizagem e aperfeiçoamento das habilidades, conhecimentos e técnicas necessárias para ampliar as condições de participação em jogos de futebol e voleibol. Dando continuidade à prática pedagógica, elegemos os fundamentos principais de cada esporte. Para o voleibol: saque, toque,

² Termo muito utilizado na região para referir-se a mulheres com características comportamentais afins ao que culturalmente identifica o universo masculino.

manchete. Para o futebol: chute, passe e condução de bola.

Realizamos as atividades de modo que os alunos que tinham mais habilidade em cada esporte colaboravam buscando identificar os aspectos que cada colega precisava melhorar. Criamos conceitos para melhor identificar o nível de desempenho de cada estudante: bom, quando conseguia realizar o fundamento segundo sua funcionalidade no jogo; regular, quando conseguia realizar o fundamento, mas sem muito domínio, o que comprometeria a sua condição de participação num jogo; e ruim, quando não conseguia realizar o fundamento. Não tomamos como parâmetro uma organização técnica específica ou perfeita do movimento, mas a realização que permitisse a participação em condição de jogo, segundo as normas dos referidos esportes. Assim, eu e os colaboradores nos distribuímos nas quadras de voleibol e futsal a partir da organização de um circuito de atividades onde todos/as estudantes passaram e puderam ser avaliados quanto aos fundamentos citados, inclusive os que participaram ajudando. Essa atividade foi realizada em um encontro de dois horários geminados. Analisei cuidadosamente os resultados considerando as manifestações verbais e expressões faciais que observei enquanto as atividades eram realizadas.

No encontro seguinte, após os testes, conversamos sobre os resultados e chegamos a algumas conclusões: alguns alunos que achavam que não tinham algumas habilidades se surpreenderam quando realizavam os movimentos solicitados em um nível considerado razoável para participar dos jogos; muitos alunos que tinham imensa habilidade em um dos esportes apresentavam muita dificuldade com o outro e muitos domina-

vam algumas habilidades de um esporte e não dominavam outras também consideradas importantes. Assim, assumimos o compromisso de juntos trabalharmos para desenvolver as habilidades específicas que nos dariam a condição de “dialogar” no âmbito da linguagem dos esportes voleibol e futebol, através de atividades práticas orientadas e do exercício do jogo propriamente dito, tanto de futebol, quanto de voleibol, de modo que todos praticassem ambos e em diversas condições.

Durante as aulas práticas, trabalhamos cada fundamento que tinha sido objeto da avaliação inicial em relação às condições técnicas para os jogos. Essas atividades foram realizadas individualmente e em grupo e de maneira articulada, unindo dois ou mais fundamentos. Cabe ressaltar que a técnica era tratada nessas aulas como uma possibilidade de execução do movimento e não como modelo único, de modo que os/as estudantes estavam livres para realizarem os fundamentos segundo suas possibilidades e criatividade. Entretanto, no decorrer das experiências, orientei para que ficassem atentos às regras de cada esporte tratado.

Além dessas atividades, nas aulas subsequentes, realizamos os jogos propriamente ditos, modificando as condições conforme as necessidades apontadas pela turma para que pudéssemos viabilizar a participação e o aperfeiçoamento dos fundamentos técnicos de cada esporte. Assim, realizamos jogos em que meninas e meninos estavam em times opostos, com meninos e meninas participando da mesma equipe, com equipes femininas enfrentando equipes femininas e as masculinas enfrentando as masculinas, diferentes quantidades de jogadores por equipes, jogadores de diferentes estaturas e articulando times com pessoas em diferentes níveis de

habilidade. Buscando viabilizar um contato equilibrado com o futebol e o voleibol, trabalhamos alternando o esporte, um dia o futebol, em outro o voleibol.

Ao final de cada sequência prática, conversamos sobre como os alunos estavam percebendo seu desenvolvimento e as condições de participação de acordo com a organização das equipes. Eles sempre pontuavam um maior equilíbrio no futebol, quando as duas equipes que se enfrentavam eram formadas por pessoas do mesmo sexo. O que não acontecia em relação ao voleibol, em que preferiam jogar com equipes mistas, uma vez que isso não inviabilizava as condições de participação no jogo. O que reforça, no meu entendimento, a ideia de que as meninas tinham sido cerceadas da participação em jogos de futebol.

Seguimos essas práticas entrelaçando-as com as discussões e investigações mais amplas com o propósito de desvendar outros “jogos” subjacentes ao voleibol e ao futebol. Para tal, iniciamos com a realização de um jogo ao estilo “passa a bola” que consistia em que o estudante que finalizasse a música com a bola na mão, teria que dizer uma palavra que traduzisse, ou tivesse alguma relação com o futebol ou o voleibol, alternadamente. Mencionaram, predominantemente, palavras relativas à prática esportiva, nome de jogadores famosos, nomes de clubes do sudeste do Brasil e do exterior:

Futebol	Voleibol
Trave, jogador, bola, atacante, campo, juiz, zagueiro, rede, meio de campo, torcida, Cristiano Ronaldo, cadaço, Roberto Carlos, Kaká, goleiro, Pelé, Adriano, Marta, Robinho, Ronaldo, travessão, luva, São Paulo, Maracanã, Grêmio, Corinthians, Patrocinador, Torcida Trovão Azul, time, chuteira, gol, atacante, Flamengo, Vasco, Palestra Itália, Fluminense, Palmeiras, Botafogo, vitória, Campeonato Brasileiro, Bundesliga, Copa do Brasil, Copa do Mundo.	Quadra, Rede, saque, toque, bloqueio, 6 jogadores, manchete, bola, Giba, levantador, Fofão, linha, meia, Osasco, Brasil, Fluminense, Herba Life, Maracanãzinho, China, campeonato, Bernardinho, Grand Prix, Cortada, Rio de Janeiro, homens, mulheres, Dani Lins, recepção, Paula Pequeno, Liga Mundial.

A partir das respostas dos alunos anotadas no quadro, mediei atividade de leitura e interpretação dos dados. Alguns/algumas estudantes se posicionaram. Em síntese, as conclusões foram:

- “Futebol é o esporte mais conhecido do mundo”.
- “Está na mídia, dia de quarta e domingo”.
- “A copa do mundo reúne muitos países”.
- “Os jogadores são tidos como estrelas”.
- “É o assunto mais falado entre os homens”.
- “Existe muita rivalidade, discussão”.
- “Há uma imponência na estrutura dos estádios”.
- “Futebol é o esporte com mais campeonatos”.
- “Os salários dos jogadores são muito altos”.
- “O futebol está nas poesias, nas músicas”.
- “Existe preconceito contra as mulheres”.
- “O voleibol é um esporte muito praticado no Brasil”.
- “Futebol é um dos esportes mais praticados e mais preferidos”.
- “O Brasil tem um time que é a primeira maior torcida do

mundo, o Flamengo”.

- “Futebol é praticado em todas as classes sociais e idades”.
- “Envolve muito dinheiro”.
- “No futebol existem vários campeonatos”.
- “Futebol é uma representação do Brasil”.

Problematizei ainda mais, levando-os a refletirem sobre o porquê dessas conclusões. Questionei de onde vinham as ideias apresentadas, que relações eles faziam entre os fatos que foram surgindo. Percebi que os alunos já aguçavam o senso crítico e a capacidade de contextualizar aquelas primeiras afirmações. Relacionaram questões referentes à mídia, ao poder, aos interesses econômicos, às questões históricas e culturais que influenciavam essas práticas. Identificaram mitos como “jogadores de futebol são ricos e famosos”, questões de identidade em relação à escolha do esporte favorito e time, bem como a intolerância para com escolhas diferentes a ponto de gerar violência. Assumiram posturas críticas diante do preconceito contra a mulher no futebol, críticas acerca da pouca divulgação do voleibol e do preconceito contra os homens que se identificavam com esse esporte na escola em comparação ao não preconceito em âmbito nacional.

Dando sequência ao trabalho, encaminhamos uma pesquisa na internet acerca das palavras citadas na atividade. Um grupo ficou encarregado de construir um texto informativo sobre as palavras relacionadas ao futebol e outro àquelas relativas ao voleibol. Também se comprometeram a pesquisar acerca das conclusões e reflexões apresentadas, de modo que pudessemos identificar se havia pertinência naquelas constatações. Na aula seguinte, os estudantes apresentaram seus textos para a turma, aqueles que

não conheciam alguns dos termos passaram a conhecê-los e concluímos que as reflexões e contextualizações apontadas estavam fundamentadas em fatos reais, com os quais eles tomavam contato pela própria mídia, via televisão e internet.

Para ampliar os conhecimentos dos alunos, apresentei uma questão interessante, embora, não tenha surgido nos comentários dos estudantes: por que não foi citada praticamente nenhuma palavra em relação ao futebol e voleibol em Sergipe? E por que quase não surgiram informações sobre a mulher nesses esportes? A resposta, em ambas as salas, foi que praticamente não havia futebol e voleibol em Sergipe e o mesmo em relação às mulheres. Sugeri nova pesquisa sobre o futebol e voleibol em nosso Estado para saber que “jogos de poder” havia no “meio de campo” e dificultavam nosso conhecimento e até a nossa identidade com o futebol e voleibol praticados no nosso Estado. Percebendo a necessidade de conhecermos espaços destinados à prática profissional do futebol e voleibol, viabilizei uma conversa com sujeitos mais envolvidos com o cenário do esporte sergipano.

Seguindo na ampliação das nossas reflexões busquei na internet, a partir do lançamento de palavras-chave em site de busca, frases e pensamentos de diferentes pessoas, famosas ou não, acerca do futebol e do voleibol. Para que as turmas tomassem contato com a minha investigação, propus uma atividade que consistia na retirada de uma dessas frases impressas em folha sulfite, leitura e interpretação da mesma seguida pela manifestação de opinião para o restante do grupo. Desta forma, os alunos puderam verificar textos de pessoas devotadas a esses esportes, como também textos de pessoas que manifestavam sérias críti-

cas ou simplesmente aversão. Na discussão final dessa atividade, fizemos uma relação entre o sujeito que falava (quando conhecido), com o que ele falava e qual a experiência dele com aquele esporte (por exemplo, o jogador de futebol Pelé ao manifestar sua admiração e respeito ao futebol), levou-nos a refletir que, devido à sua habilidade no esporte teve uma série de outras possibilidades/opportunidades na vida, ao passo que uma mulher comum, desconhecida para nós, ao manifestar sua aversão ao mesmo esporte nos fez refletir acerca da experiência negativa de muitas mulheres com o futebol, trazendo assim, mais uma vez, a discussão sobre a constituição da identidade com relação a um esporte ou à escolha de um time para torcer.

Para o contato com os sujeitos reais do cenário sergipano, realizei visita ao estádio estadual localizado na capital Aracaju, onde também estava situada a Secretaria Estadual de Esporte e Lazer e entrei em contato com um dos dirigentes da Federação Sergipana de Futebol. Relatei o trabalho que estava desenvolvendo na escola e ressalté a importância dos/as alunos/as conhecerem os espaços para a prática do desporto profissional no Estado, bem como de conversarem com pessoas que faziam parte do esporte sergipano e poderiam, assim, oferecer maiores informações sobre os fatores históricos e condicionantes do futebol, futsal e voleibol sergipanos. Este dirigente elogiou a iniciativa e se colocou à disposição para nos receber nas visitas e passar um pouco dos seus conhecimentos e experiências. Agendamos as visitas para as duas turmas em tardes consecutivas.

Para nosso deslocamento da escola aos espaços de prática, solicitamos com antecedência o transporte da universidade.

Todos/as os/as estudantes levaram um pedido de autorização para que seus pais ou responsáveis autorizassem a sua ida, inclusive porque seria realizada no turno oposto ao horário regular das aulas.

A visita ocorreu em dois dias, um para cada turma que havia estudado a temática. Todos/as puderam participar. Na visita ao Estádio Lourival Batista, o “Batistão”, e ao ginásio Constâncio Vieira tivemos a oportunidade de conversar com um dos diretores da Secretaria de Esporte e Lazer do Estado, com ampla vivência na organização de eventos esportivos em Sergipe e ex-dirigente da Federação Sergipana de Futebol. Os/as alunos/as foram apresentados/as aos espaços do estádio, conheceram a história contada por alguém que a vivenciou (participou da inauguração daquele estádio, ali jogou e organiza jogos). Ouviram a história de jogadores sergipanos que ganharam expressão em âmbito nacional, perguntaram sobre o atual contexto econômico do futebol e voleibol em Sergipe, sobre os salários dos jogadores nos times do Estado, a situação da mulher nesses esportes, as condições de treinamento dos clubes etc.

Notei grande interesse dos jovens em desvendar os tais “jogos de poder” através das perguntas sempre pertinentes e dos comentários indignados em relação à profissionalização do esporte em Sergipe e à condição da mulher naquele contexto. Ficaram indignados ao saber dos baixos salários dos jogadores. Os/as estudantes tiveram também a oportunidade de jogar no gramado. Ficaram eufóricos, muitos, emocionados por entrarem num campo oficial, tiraram fotos e constataram a dificuldade de jogar num espaço com aquela dimensão, pois logo se cansaram.

Da mesma forma, ao conhecerem o ginásio Constâncio Vieira, ficaram extremamente indignados ao ver o mau Estado de

conservação daquele espaço e concluíram que ali estava uma prova do porquê de eles não identificarem voleibol profissional no Estado de Sergipe, pois não havia incentivo financeiro nem para o espaço físico, nem para a constituição de times profissionais. Também tiveram oportunidade de jogar. Mas não houve tanta euforia como no estádio. Ouviram do funcionário que aquele espaço também acolhia competições profissionais e até internacionais de ginástica rítmica e futsal. Naquele momento foi possível perceber certa dose de orgulho e entusiasmo, principalmente quando souberam que recentemente a seleção sergipana de futsal tinha sido campeã brasileira.

Solicitei-lhes um relatório da visita, pontuando os aspectos que mais lhes chamaram a atenção. A maior parte dos relatórios tinha uma perspectiva crítica bastante acentuada e tratava do preconceito contra as mulheres, da falta de incentivo financeiro ao esporte sergipano, da relação entre o poder econômico e a projeção na mídia por parte de clubes e até mesmo do esporte (considerando futebol e voleibol), da falta de profissionalização no esporte sergipano, dos baixos ou até inexistentes salários dos esportistas em Sergipe, da violência entre as torcidas e da falta de incentivo ao voleibol.

Ao dar a devolutiva de minha leitura dos relatórios elaborados pelos alunos, fiz um comentário geral sobre as temáticas abordadas e resaltei a postura crítica apresentada. Pedi para lerem os relatórios dos colegas organizando grupos de cinco ou seis pessoas, conforme as temáticas mais enfatizadas em seus relatórios, para que pudéssemos elaborar um trabalho final do processo vivido. Para ajudar na sistematização dos conhecimentos produ-

zidos durante o projeto, considerei que o futebol e voleibol, enquanto práticas corporais, instituíram-se culturalmente a partir das representações de diferentes grupos ao mesmo tempo em que constituíam a identidade e representações desses sujeitos nos diferentes contextos. Propus então, que, eles, aproveitando as discussões realizadas e a visão crítica que agora apresentavam, assumissem a divulgação de saberes, viabilizando outras representações, outras interpretações e inclusive abrindo campo para divulgação de conhecimentos silenciados. Assim, sugeri a criação de blogs, um artefato da cultura juvenil, comumente utilizado como veículo alternativo para divulgação de trabalhos, ideias, reflexões e produções de artistas, repórteres e/ou escritores independentes.

Os alunos ficaram entusiasmados. Alguns disseram que não sabiam fazer um blog, outros se prontificaram a ensinar. Houve estudante que disse que os pais não o deixavam utilizar blogs, então enfatizamos seu caráter de comunicação e de divulgação de mensagens e que o estaríamos utilizando para disponibilizar na internet a circulação de mensagens que considerávamos importantes que fossem veiculadas em virtude do que havíamos discutido.

Durante várias aulas, reservamos momentos para que os estudantes discutissem o teor de seu blog, utilizassem a sala de informática para a pesquisa de textos na internet e a construção dos blogs. Além dos horários de aula da Educação Física, alguns alunos frequentaram a sala de informática da escola no contraturno para desenvolverem seus blogs, outros se reuniam na casa de um colega. Marcamos um dia de apresentação e todos os grupos apresentaram para a turma o foco e a organização de suas páginas

na internet. Muitos também mencionaram que seus blogs estavam recebendo muitas visitas e comentários. Decidimos divulgá-los entre os outros estudantes da escola. Aproveitamos a Jornada Esportiva, Científica e Cultural do Colégio de Aplicação (JECCCA) para apresentar os trabalhos.

Essa experiência foi especialmente interessante, pois os grupos elegeram um componente responsável e durante um período da referida jornada receberam colegas de diferentes séries, até professores, na sala de informática, podendo divulgar seus blogs e fazer comentários. Importante notar que a Educação Física passou a participar da parte científica e cultural da jornada (antes estava restrita à parte esportiva), o que certamente viabilizou a construção de outra representação para o componente, diferente daquela inicialmente apresentada pelos alunos, que preparava para a prática esportiva e/ou proporcionava momentos de lazer.

Os blogs trataram de “violência no esporte”, “curiosidades do voleibol”, “torcida no esporte”, “preconceito contra as mulheres no futebol”, “astros no futebol”, “músicas de futebol”, “rivalidade entre os times”, “a mulher no futebol”, “informações sobre o vôlei”, “salários milionários”.

A avaliação se deu numa perspectiva formativa ao longo de todo o processo através das atividades de avaliação dos alunos, quanto ao nível de apropriação dos fundamentos técnicos do futebol e voleibol, através da observação dos comportamentos manifestados durante as práticas e da identificação da capacidade de reflexão, crítica e contextualização acerca dos aspectos mais amplos que envolveram o futebol e o voleibol enquanto manifestações que se dão no âmbito da cultura. Esses instrumentos foram

extremamente importantes para regularmos os caminhos tomados, o direcionamento dos questionamentos e a organização das atividades práticas e de aprofundamento e ampliação teórica.

Os comportamentos e “performances” manifestadas nos jogos realizados, os trabalhos apresentados e a participação dos/das estudantes na JECCA, desenvolvendo atividades em relação ao futebol e voleibol na parte esportiva (participando de jogos com outras turmas da escola) e na parte científica (com a apresentação dos trabalhos), possibilitaram-me perceber que houve desenvolvimento tanto em relação à apropriação dos fundamentos técnicos mais básicos, necessários à prática do voleibol e futebol, quanto em relação à capacidade de compreensão desses esportes numa perspectiva mais crítica e contextualizada. As temáticas expressas nos relatórios da aula de campo, bem como nos blogs mostraram que, ao longo do processo, o desvelar dos outros “jogos” inerentes ao voleibol e futebol se efetivaram e de um modo que não era possível prever, uma vez que, como numa partida de qualquer desses esportes, cada toque, cada passe, cada cortada e cada gol, dependia da jogada armada anteriormente, dos jogadores, de suas posições, de sua agilidade e sagacidade, dependia da articulação do capitão do time e da preparação que o treinador empreendera há algum tempo e com regularidade. Desse modo, emocionante e imprevisível como uma partida de futebol e voleibol, foi a experiência de “treinar” esses sujeitos a ampliar suas condições de participação nas práticas de voleibol e futebol e o olhar sobre esses esportes, o que aumentou nossa capacidade de compreendê-los e interagir com e através deles, seja pelo viés da prática esportiva ou da manifestação cultural que de algum modo atinge e interfere na

nossa vida.

Foi possível perceber nos discursos apresentados ao final do processo, através dos blogs e das reflexões no “diário do aluno”³, indícios de que as discussões e atividades desenvolvidas interferiram na constituição de identidades mais democráticas, propensas ao diálogo, ao respeito ao diferente, à leitura crítica da realidade cultural na qual vivem e a assunção de posturas políticas diante de discursos preconceituosos em favor das identidades minoritárias.

A saber:

Concluimos que ao contrário do que pensávamos, os conflitos no mundo do futebol são muito frequentes. A quantidade de violência nesse meio é espantosa. Esse blog era para ser apenas um trabalho de escola, da matéria de Educação Física, mas decidimos ir mais além e trazeremos todos os tipos de informações sobre o assunto. Acreditamos que a mulher tem um importante papel no futebol, que este é um grande espetáculo e que o número de mortes pelos conflitos a cada ano é imenso, considerado a muitos países desenvolvidos. Aqui está a opinião de Anna Beatriz (Anita) e Carla Adriele. Em: <http://conflitosemjogos.zip.net/>

Na opinião do grupo, o preconceito no futebol é um absurdo, pois o futebol foi feito para todos. Além disso todos são iguais independente do sexo ou da opção sexual e todos têm os mesmos direitos. Não é porque você é mulher ou homossexual que tem menos direitos que os homens e os heterossexuais. Em: <http://preconceitonofutebol.blogspot.com/2009/09/opinio-do-grupo-sobre-o-preconceito-no.html>

³ Local onde os alunos/as registravam, ao final de cada projeto desenvolvido, as impressões, reflexões, críticas e sugestões acerca da temática trabalhada, da metodologia empreendida, da postura e comportamento dos colegas, de si próprio e da professora ao longo das aulas.

No Brasil existem muitos jogadores de “qualidade”, o que valoriza o nosso país. Embora alguns Estados não sejam valorizados e famosos, temos jogadores bons e que jogam bem. Em: <http://astrosdofutebol.blogspot.com/2009/09/opiniao-do-grupo.html>

Achei que os conteúdos foram importantes para a nossa aprendizagem, foram muitas informações. Achei interessante o blog, no começo achei que era uma perda de tempo mas depois foi ficando interessante (KRISLAYNE, 7º ano A).

A forma (de ensino) foi bem dinâmica, tivemos passeios, fizemos blogs, brincamos e outros. Dessa maneira fica mais fácil aprender (BRUNA, 7º ano B).

Eu aprendi que Educação Física não é só esporte. Adorei ir ao Batistão e ao Constâncio Vieira (ANTONIO, 7º ano B).

Gostei muito do incentivo ao blog, agora minha mãe sabe o que é, posso ter um para publicar meus desenhos (ANNA BEATRIZ, 7º ano A).

Pontos positivos: aprendemos muitas coisas, tiramos dúvidas e aumentamos nosso campo de visão sobre o que há por trás do voleibol e do futebol (preconceitos, diferença de salários, jogadores famosos ou não, rivalidade entre os times e torcidas, violência nos estádios etc.) (JÉSSICA, 7º A).

Assim, os resultados dessa experiência apoiada nas conexões apontadas pelos Estudos Culturais entre a cultura e a constituição da subjetividade dos sujeitos permitem evidenciar a importância de se considerar a dimensão cultural das práticas corporais no trabalho pedagógico da Educação Física na Educação Básica. Principalmente, ao identificarmos a função social da escola articulada à constituição de identidades para e na vida social mais ampla.

Confrontando esses fatores com as necessidades educacionais que se expõem no mundo contemporâneo, globalizado e regido pelo neoliberalismo, é fundamental a realização de práticas de ensino politicamente engajadas na constituição de identidades democráticas, que possam fazer frente aos efeitos negativos e homogeneizantes da dinâmica sociocultural hegemônica.

Considerações

A partir da experiência relatada pela Professora Marília, fundamentada em pressupostos dos Estudos Culturais, podemos inferir que apesar dos valores hegemônicos contemporâneos valorizarem o individualismo, o consumo exacerbado e a homogeneização, existe espaço para nós, professores, produzirmos práticas pedagógicas que contestem a naturalização dos fatos sociais. A professora mostrou-nos que ações didáticas comprometidas com a democracia e a justiça social podem promover a construção de identidades questionadoras capazes de analisar criticamente o contexto cultural em que vivem e propor mudanças nas formas de organização com a finalidade de construir uma sociedade que respeite os interesses dos diversos grupos sociais que a compõe.

Blogs produzidos no decorrer do trabalho

Blog Astros do futebol [internet]. Disponível em:

<http://www.astrosdofutebol.blogspot.com>

Blog Conflitos em jogos [internet]. Disponível em:

<http://www.conflitosemjogos.zip.net>

Blog Esportes no Brasil e no mundo [internet]. Disponível em:

<http://www.esportesnoticias1.blogspot.com>

Blog Futebol [internet]. Disponível em:

<http://www.futebolnoticias1.blogspot.com>

Blog Mulheres no futebol [internet]. Disponível em:

<http://www.mulhertambemsabe01.blogspot.com>

Blog Músicas de futebol [internet]. Disponível em:

<http://www.musicasdefutebol.blogspot.com>

Blog Preconceito no futebol [internet]. Disponível em:

<http://www.preconceitonofutebol.blogspot.com>

Blog Rivalidades entre clubes [internet]. Disponível em:

<http://www.clubesrivais.blogspot.com>

Blog Salários milionários [internet]. Disponível em:

<http://www.salariosmilionarios.blogspot.com>

Blog Torcida no esporte [internet]. Disponível em:

<http://www.torcidanoesporte.blogspot.com>

Blog Voleibol [internet]. Disponível em:

<http://www.voleibolcuriosidades.blogspot.com>

Referências bibliográficas

BRASIL, Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, vol. 22, nº 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

NEIRA, M. G. e NUNES, M. L. F. **Pedagogia da Cultura Corporal: crítica e alternativas**. São Paulo: Phorte, 2006.